

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG (COM EDUARDA ESPOSITO)
deniserothenburg.df@dabr.com.br

O ganha-ganha eleitoral

O governo só abriu mão da urgência constitucional do projeto de lei sobre o fim da escala 6 x 1 na Câmara porque avaliou que o ônus da demora em votar ficaria com o Senado. De quebra, ainda ganhou pontos com o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), que havia avisado ao Palácio do Planalto que a não retirada da urgência poderia segurar projetos de forte impacto fiscal às contas públicas. Motta ficou feliz e, se o fim da 6 x 1 for aprovado, os louros são do governo. E se não for votado até as eleições, o discurso contra os senadores estará pronto.

E o Alcolumbre, hein?

Muita gente bateu palmas para o duro pronunciamento do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), ao fazer sua própria defesa em relação à reportagem da revista *Veja* — “Não serei intimidado. Não serei ameaçado. Não serei constrangido e nem serei chantageado”, disse, em certo momento. Porém, a forma desagradou a muitos senadores. Para esses, Alcolumbre não deveria ter falado do alto da Mesa Diretora. O lugar certo para fazer uma defesa de um caso pessoal é a tribuna.

Vai sobrar...

A interpretação de muitos senadores sobre o discurso de Alcolumbre foi de que o suposto vazamento envolvendo o presidente da Casa é obra do governo Lula, que comanda a PF. Ou seja: a cada dia, fica mais difícil a pacificação entre o presidente e o senador. Ainda que uma parte da bancada do PT defenda que o Planalto levante a bandeira branca ao presidente do Senado, quanto mais emparedado Alcolumbre estiver, pior será.

Cadê os outros?

No Plenário do Senado, muitos saíram em defesa de Alcolumbre, após pronunciamento do comandante da Casa sobre as acusações da matéria publicada na *Veja*. O senador Esperidião Amin (PP-SC) ainda comentou que o alvo das delações em curso na PF, pelo que indica o material que foi vazado até aqui, mostra ser o Congresso. E questionou onde estariam os empresários envolvidos no esquema de Vorcaro. Líderes da base governista também se solidarizaram e defenderam Alcolumbre.

Aumenta a tensão no STF

Se o Supremo Tribunal Federal vivia divisões nos tempos do Mensalão e da Lava-Jato, agora o escândalo do Master fez rachar a Corte de vez. Prova disso foi a sessão da Segunda Turma do STF, em que o ministro Gilmar Mendes ficou sozinho, enquanto André Mendonça, Luís Fux e Kassio Nunes Marques votaram pela manutenção da prisão de Henrique Vorcaro, pai do ex-banqueiro Daniel Vorcaro, e de Felipe Vorcaro, primo do ex-controlador do Master. Para completar, Mendonça — que relata o processo e referiu-se ao caso como a “maior fraude financeira da história do país” —, levantou parte dos sigilos dos autos, com trechos que comprometem ainda mais o senador Ciro Nogueira (PP-PI) e aponta

deputados como beneficiados pelo escândalo. A ideia do ministro, ao dar publicidade a parte dos autos, é mostrar que nada ficará impune, doa a quem doer, com ou sem delação de quem quer que seja. E se tiver ministros do STF sujeitos a responder pelo caso, que assim seja.

Por falar em delações... / Ao mencionar “delações seletivas” e tirar o sigilo de parte dos autos, Mendonça quer justamente mostrar o extenso material que a Polícia Federal (PF) tem em mãos e que Vorcaro insiste em deixar de fora da colaboração. E olha que o ministro não liberou sequer metade do que tem no processo. Ao longo do ano, novos lotes serão expostos. E os candidatos que se preparem para responder.



CURTIDAS

Divulgação



O que ela pensa / A senadora Damares Alves (Republicanos-DF, **foto**) saiu-se com esta, ao ser informada da condenação do ex-deputado Eduardo Bolsonaro pelo STF por coação à Justiça. “A única saída para Alexandre de Moraes é se afastar do Supremo e do Brasil, de preferência para uma ilha bem longe”.

Enquanto isso, em Evian... / Não foi desta vez que os presidentes Lula e Donald Trump acertaram os ponteiros. Porém, só o fato de Lula ter se reunido com líderes de outros países na cúpula do G7 — como a primeira-ministra do Japão, Sanae Takaichi —, na cidade do interior da França, já valeu. Hoje, o presidente ainda fala em duas oportunidades no encontro do G7 sobre inteligência artificial e, ainda, sobre economia e desigualdade.

Tragam lanche / Amanhã tem sessão conjunta para apreciar vetos e projetos de lei do Congresso (PLN), ou seja, que mexem com o Orçamento. Alcolumbre avisou que a sessão deverá ser longa porque a ideia é limpar a pauta.

Lide-Correio Braziliense / O presidente do BRB, Nelson de Souza, fala hoje no 7º Brasília Summit **Lide-Correio Braziliense**, sobre inteligência artificial e seu impacto nas gestões pública e privada. Vale acompanhar pelas redes sociais do **Correio** e da TV Lide, a partir de 8h30.

» cb.poder | PAULA CORADI | PRESIDENTE NACIONAL DO PSOL

Dirigente vê possibilidade de a bancada na Câmara dar um salto nas eleições. Legenda vem com nomes fortes para puxar votos

"A gente acredita eleger 20 deputados"

Davi Pereira/CB/D.A Press

» ADRIANA BERNARDES
» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA
» MARIA BEATRIZ GIUSTI*

A pesar da intensa polarização, a meta do PSol para a eleição de outubro é eleger 20 deputados federais. Para isso, conta com nomes de peso para puxar votos — como Manuela D’Ávila, no Rio Grande do Sul, e a ex-ministra Marina Silva, do Meio Ambiente, em São Paulo. A projeção é de Paula Coradi, presidente nacional do partido. Na conversa com os jornalistas Adriana Bernardes e Carlos Alexandre de Souza, na edição de ontem do CB.Poder — uma parceria entre o **Correio Braziliense** e a TV Brasília —, ela projeta também uma chapa forte ao governo do Distrito Federal, ao dar a vice de Leandro Grass. Leia os principais trechos da entrevista a seguir.

O que o PSol busca e qual é o panorama para as eleições?

Estamos articulando nossas chapas majoritárias em todo o Brasil. No Rio Grande do Sul, ao Senado, a Manuela D’Ávila, que está em primeiro lugar. Teremos, pela federação Marina Silva, em São Paulo; a Mônica Benício, no Rio de Janeiro; a Áurea Carolina e o Afrânio Bopp, em Santa Catarina. A gente também tem se articulado em torno da pré-candidatura do presidente Lula à reeleição. Acreditamos que o Lula deve continuar nos próximos quatro anos, porque é o governo de conciliação nacional. Foi um governo que, de fato, colocou os brasileiros novamente, principalmente os mais pobres, no orçamento.

E no Distrito Federal?

Aqui, temos feito a composição junto com o pré-candidato



Leandro Grass. Estamos pleiteando a vaga de vice com a Teo Monteiro e temos um baita candidato a deputado federal, que é o Fábio Félix. Também temos uma chapa muito competitiva de deputados distritais, encabeçada pelo Max Maciel, que vai à reeleição. A gente acredita que consegue eleger três deputados distritais. A chapa do PSol está muito diversa, muito representativa, e tenho certeza de que vamos oferecer uma excelente opção para o brasileiro.

Para a Câmara dos Deputados, quantos o PSol trabalha para eleger?

Temos hoje 13 deputados e deputadas federais na nossa bancada, que é a bancada mais diversa também do Congresso — maioria de mulheres, com pessoas trans, com pessoas negras e até um pastor. Queremos buscar não só a reeleição, mas, também, a ampliação. Pelas nossas contas, do que foi

da última eleição para cá, a gente acredita eleger 20 (deputados). Estamos muito confiantes, porque a bancada do PSol é muito combativa no Congresso. O fato de a gente nunca ceder ou abaixar as nossas bandeiras também é algo muito importante.

Em relação a PEC da escala 6 x 1, qual é a visão de vocês? O que não pode faltar nessa discussão?

A pauta pelo fim da escala 6 x 1 é fundamental porque é uma pauta da classe trabalhadora, que sequer o pior Congresso que tivemos foi capaz de dizer não. É uma escala que tira o tempo de convivência com a família, o direito ao lazer. Nossa ideia é continuar pressionando, assim como fizemos na Câmara dos Deputados, em que a gente foi mostrando quais eram os deputados que estavam contra o fim da escala 6 x 1. A (deputada) Érika Hilton tem sido muito ativa nesse sentido do diálogo com os

senadores e três deles — inclusive um, o senador Romário (PL-RJ) — tinham assinado para um outro regime trabalhista, muito pior do que a escala 6 x 1. Mas ele retirou graças à pressão. Estamos falando de uma pauta trabalhista, que tem ampla adesão da população.

Outra bandeira do PSol é a questão do aborto. Como o partido enxerga a revogação da resolução do Conanda para vítimas de violência sexual?

Estamos falando de meninas de 10 a 14 anos, que são as principais vítimas de violência sexual no Brasil, e que, para nós, é uma agenda inegociável. Articulamos, junto com os movimentos e com o próprio Conanda, uma ação para entrar no STF. A gente está esperando a divulgação da lei e a publicação no *Diário Oficial*. Nossa ideia é entrar imediatamente no Supremo Tribunal Federal porque é um direito



É uma crueldade obrigar uma criança a carregar uma gestação fruto de estupro. Existe uma questão que passa pela dificuldade de reconhecer o abuso, ainda mais com esse cerceamento feito em relação a não poder tratar de determinados temas nas escolas"

que está sendo totalmente violado pelo Senado, com o protagonismo da (senadora) Damares Alves (Republicanos-DF). É uma crueldade obrigar uma criança a carregar uma gestação fruto de um estupro. Existe uma questão que passa pela dificuldade de reconhecer o abuso, porque uma criança tem dificuldade, ainda mais com esse cerceamento que tem sido feito periodicamente em relação a não poder tratar de determinados temas nas escolas. Para se reconhecer uma gestação de uma menina de 10 anos demora porque ela não sabe dizer o que sente. Às vezes, não reconhece o próprio abuso que sofreu e, até chegar a essa conclusão, passou muito tempo.

Como é que o PSol pretende se posicionar em relação ao terrorismo e ao crime organizado? Acha que o brasileiro está perdendo a soberania, pois

está sendo subjugado pelo crime organizado?

A família Bolsonaro vem, sistematicamente, agredindo a soberania do Brasil. Eles não têm mandato para nada: um é senador da República, outro era deputado federal. Acredito que esse tema da soberania terá grande peso no Brasil por conta das interferências que os Estados Unidos têm feito na nossa região. O crime organizado está em relações íntimas com o setor financeiro, com a política. A Operação Carbono Oculto mostrou isso, mostrou o braço do crime organizado dentro da economia e de órgãos de governo.

Então, vocês defendem a linha que o governo Lula tem adotado de atacar o andar de cima, os chefes, diferentemente do que defendem, por exemplo, políticos como (o ex-governador fluminense) Cláudio Castro, com operações violentas e muitas mortes.

Acreditamos que atacar o andar de cima seja o ideal, porque essas operações no Rio de Janeiro, se dessem certo, já teriam dado algum resultado. Quando você percebe o que aconteceu no Rio de Janeiro, no ano passado, uma verdadeira chacina (122 pessoas foram mortas em uma operação policial nos complexos de favela do Alemão e da Penha, em 22 de outubro de 2025), que tipo de segurança trouxe? Que resultado teve? Quem foi detido? Quem não foi? Não tem resultado, porque é uma política do espetáculo. Não é um combate real, porque a segurança pública não tem resposta fácil. Mas a direita tem sempre essa resposta simplória, que não resolve os problemas e só criminaliza os mais pobres.

*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi